



HISTORICIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ NA REGIÃO DAS MISSÕES DO RS: EFEITOS DA HISTÓRIA, DA MEMÓRIA E DO SILENCIAMENTO LINGUÍSTICO

YASMIN SCHREINER HEINZMANN^{1,2,*}, CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS^{2,3}

1 Introdução/Justificativa

A presente pesquisa visa lançar gestos de interpretação sobre o processo de historicização e circulação da língua alemã na região das Missões do Rio Grande do Sul (RS). Buscamos entender como as políticas de línguas e a “Campanha de Nacionalização” de Vargas produziram efeitos sobre essa língua pós Estado Novo. Tal estudo torna-se relevante na medida em que procura refletir sobre o modo como políticas de línguas afetaram línguas de imigração, no caso, a alemã, determinando sua circulação tanto à época como nos dias atuais.

2 Objetivos

Interessa-nos compreender como as políticas de línguas e a “Campanha de Nacionalização” de Vargas produziram efeitos de sentido pós Estado Novo sobre a língua alemã.

3 Material e Métodos/Metodologia

A pesquisa realizada está ancorada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, assim como na História das Ideias Linguísticas. Como objeto de estudo, delimitamos o jornal “O Cerro Largo”, o qual circulou no município de Cerro Largo/RS entre os anos de 1957 a 1967. Diante desse objeto, o *corpus* de análise é constituído por recortes das edições do referido jornal, cujo critério de seleção vincula-se ao nosso objetivo. Para o desenvolvimento da pesquisa, o dispositivo de análise é constituído

¹ Graduanda de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo, contato: yasmminsheinzmann@gmail.com

² Grupo de Pesquisa: Língua(gem), discurso e subjetividade da Universidade Federal da Fronteira Sul.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, docente na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo.



pelos noções de língua, discurso, ideologia, memória institucionalizada e Aparelhos Ideológicos do Estado.

4 Resultados e Discussão

Ao analisarmos nosso *corpus*, lançamos um olhar para a noção de discurso, que, na perspectiva discursiva, é compreendido como efeitos de sentido entre interlocutores, e relaciona-se à língua, à história e ao sujeito para produção de sentidos. Compreendemos que todo discurso é, igualmente, ideológico, sendo que é impossível a existência de discursos “neutros”, “imparciais” e/ou “transparentes”. Conforme Orlandi (2015), não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia, pois o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, de maneira que é assim que a língua funciona.

É importante destacar que tomamos o jornal enquanto um Aparelho Ideológico do Estado (AIE), tal como nos propõe Althusser (1987), o qual, em seu funcionamento, irá institucionalizar sentidos de acordo com a posição ou ideologia dominante, que, em nosso caso, irá fazer circular a língua oficial e estabelecida, a saber, a língua portuguesa. Refletindo sobre nossa materialidade discursiva, o discurso jornalístico, Mariani (1996) destaca-nos que uma reflexão de caráter discursivo necessita considerar aquilo que (não) se diz e o modo como se diz na imprensa como inseparáveis das notícias produzidas em uma época específica, mas sobretudo, inseparável, principalmente, da história que a constitui.

A título de exemplificação, destacamos dois recortes discursivos para compreender o funcionamento da produção de sentidos do discurso jornalístico. Os recortes são:

RD1: Na maioria dos municípios do Rio Grande do Sul se comemora no dia 25 de Julho a data consagrada ao colono. Nada mais justo do que se consagrar um dia aos denodados lavradores que muito já fizeram por este Brasil que lhes deu agasalho. Velhos colonos ainda por aqui existem que se deslocaram de suas pátrias de origem, para viverem, no desconforto de uma terra virgem e estranha, prepara-la para nos dar alimentação produzida nesse sólo trabalhado pela mão desses abnegados desbravadores. Se a verdade diz que suas condições na pátria de origem era muitas vezes desagradável e difícil, que vinham cheios de esperanças de viver com mais conforto, a mesma verdade diz que muitas das promessas com que foram atraídos não se realizaram, enchendo-os de muitos dissabores. Venceram todos esses fracassos graças ao desprendimento de lutadores de fibra e, hoje, filhos e netos, aí estão para orgulho da pátria em que nasceram e que, com seus pais e avós enriqueceram, engrandeceram, deram valor á este Brasil que está lhe servindo de berço, agasalhando os descendentes daqueles desbravadores que aqui chegaram a mais de um século [...] (O Cerro Largo, 21 de jul. de 1957, ANO I).

RD2: [...] Nossa Origem: Com êste título venho fazer algumas observações a respeito de Cerro Largo [...] Todos nós sabemos que Cerro Largo é de origem germânica. Faço um apelo para que continue a conservar êste cunho alemão. Como eu gosto de passear pelo sul do nosso vasto país e ver, aqui, a influencia alemã; ali, a italiana; acolá, a polanesa. Cousa desta natureza não



se vê aqui no Nordeste. A impressão que eu tive é a seguinte: O povo de descendência alemã parece ter vergonha de declarar de que é de tal origem. Vergonha do que? Quantas vezes o Nordeste me pergunta: Você é brasileiro ou estrangeiro? Eles não querem acreditar que sou brasileiro. Quando declaro que sou brasileiro, descendente de alemão, eles logo perguntam. Você fala alemão? Eu respondo afirmativamente, Sim. [...] Ainda não fiquei humilhado ao dizer que sou de descendência alemã, muito pelo contrário [...] Como eu sinto uma tristeza profunda ao ver que o alemão, lá pelo sul tender a desaparecer. Vamos aprender o português, pois estamos no Brasil e é obrigação nossa de aprender essa língua. Mas ao mesmo tempo conservemos nossa “Muttersprache”. Diz o provérbio: “Um bom passarinho não suja o ninho”. (O Cerro Largo, 20 de jun. de 1964, ANO 7).

Com relação aos recortes acima, destacamos alguns gestos de interpretação. O primeiro recorte (RD1) apresenta-nos a construção da figura do imigrante, o qual é intitulado como “Colono”, fazendo ressoar alguns sentidos associados à sua figura. Há toda uma construção positiva sobre a imagem desse colono, sua importância, sendo que ele é retratado como uma “figura heroica”, o que pode ser evidenciado em várias partes do recorte. Destaca-se, ao longo do texto, igualmente, que os colonos enfrentaram muitas dificuldades, relativas à terra e condições de vida, mas todas elas, vencidas. É realizada, portanto, uma “homenagem” a esses colonos. Porém, é interessante refletir que, nessa construção da imagem do colono e de sua história, a dizer, de superação, alguns dizeres são silenciados, o que se materializa no fato de silenciarem todo o processo de repressão e interdição linguística que sofreram as comunidades germânicas, como se a interdição não fosse parte desse passado, ou talvez, até de um passado “já superado” de dificuldades. Nos inquieta esse silenciamento, esse não dizer, visto que se trata um passado que silencia alguns fatos em detrimento de outros, como se tudo fosse tão simplesmente “superado” e a interdição, real, da língua não constituísse como parte marcante de tal passado.

No RD2, observamos, em contraste com o RD1, marcas da interdição retratadas no jornal, marcas essas, agora explícitas. Tais efeitos da interdição estão materializados nos discursos, através da vergonha, da tristeza com o desaparecimento da língua alemã, do receio e da possibilidade de ser humilhado. São discursos que ressoam sentidos vinculados a todo um processo de silenciamento da Língua Alemã, tanto nas Missões, como de forma geral, no Estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, é importante destacar que, nos jornais, há a ausência da língua alemã na sua forma escrita, mesmo sendo a cidade de Cerro Largo/RS uma comunidade de origem germânica. A língua em circulação nesse meio impresso é a língua portuguesa e isso deve-se ao fato, além do efeito das políticas de interdição, de o jornal constituir-se como um AIE,



fazendo circular a língua oficial e estabelecida em território nacional. Evidenciamos também, especialmente no RD2, a presença da relação língua materna x língua oficial, sendo que, no recorte, a língua portuguesa constitui-se como a língua que o sujeito é “obrigado” a aprender, e a língua alemã, a língua necessária de “conservar-se”. Há, para tanto, efeitos da interdição linguística, pois temos de um lado a obrigação, a regulamentação do Estado, o oficial e do outro a necessidade de conservar uma língua (já silenciada), como se sua não conservação até o momento fosse resumida a uma escolha (pessoal) e não uma política de Estado. Esses são, pois, alguns dos efeitos que podemos observar por/através do discurso analisado.

5 Conclusão

Observamos, portanto, o funcionamento do jornal como um AIE, o qual faz circular a língua oficial e estabelecida, a saber, a língua portuguesa, segundo relações de poder bem estabelecidas. A pesquisa nos permitiu entender como a língua escrita mantém essas relações, ou seja, como o texto/discurso escrito institucionaliza sentidos e estabelece o que pode e (deve) ser dito e a língua que pode e (deve) circular.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12 ed. Campinas : Pontes, 2015.
- MARIANI, B.S.C. **O Comunismo Imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Tese (doutorado em Letras) – Unicamp, Campinas, 1996.

Palavras-chave: discurso; língua; interdição; jornal; imprensa.

Financiamento

Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do RS (FAPERGS)